



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA (UNILAB)  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**ISMAYLLANNE EUFRASIO FIRMINO**

**Artesanato no município de Pacoti: A preservação do pitiá e os  
impactos socioeconômicos na comunidade de Volta do Rio**

**REDENÇÃO- CE  
2018**

**ISMAYLLANE EUFRASIO FIRMINO**

## **Artesanato no município de Pacoti: A preservação do pitιά e os impactos socioeconômicos na comunidade de Volta do Rio**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Francisca Rosália Silva Menezes

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Francisca Rosália Silva Menezes  
(Orientadora / IHL UNILAB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisele Soares Gallicchio

---

**Prof<sup>a</sup> . Ma. Danielle Gouveia Fernandes.**

**REDEENÇÃO- CE**

**2018**

Relatório de vídeo e ficha técnica de conclusão de curso apresentado ao bacharelado em Humanidade da Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

**Artesanato no município de Pacoti: A preservação do *pitiá* e os impactos socioeconômicos na comunidade de Volta do Rio**

**ISMAYLLANE EUFRASIO FIRMINO**

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Nota:\_\_\_\_\_

**REDENÇÃO-CEARÁ**  
**2018**

**RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO**

**Título do vídeo: VOLTA DO RIO**

**Tema:** Artesanato no município de Pacoti: A preservação do *pitiá* e os impactos socioeconômicos na comunidade de Volta do Rio.

**Duração do vídeo: 10'48"**

**Entrevistados:**

Francisco Valdery de Sousa Agostinho

Maria Bezerra Lemos

Samara Marques

Francisco Alves

Maria de Lourdes Lira

Data: 29 de Maio de 2018

## **Artesanato no município de Pacoti: A preservação do *pitiá* e os impactos socioeconômicos na comunidade de Volta do Rio**

### **Resumo**

O presente relatório tem por objetivo apresentar, numa perspectiva crítico-reflexiva, questões relacionadas ao modo de produção de uma fábrica situada no município de Pacoti- Ce, onde são fabricados produtos a partir da árvore *pitiá* e mais recentemente da árvore pereiro. Pretende-se problematizar, com base na experiência de campo, nos registros videográficos e no material bibliográfico consultado, os danos causados ao meio ambiente e também a saúde das pessoas que trabalham na fábrica e moram nos arredores da mesma. A pesquisa se fez a partir de uma observação situada com visitas aos locais que refletem o processo de produção e consumo dos produtos que têm como matéria prima a árvore *pitiá*. A ferramenta audiovisual abriu uma perspectiva de aprendizagem situada na análise crítica das imagens produzidas, através da possibilidade de retomar as imagens já gravadas e através destas reconduzir o modo de ver/pensar a pesquisa.

### **A CIDADE DE PACOTI**

A cidade de Pacoti está situada na região do Maciço de Baturité e por ter um clima frio e bastante agradável é um atrativo para turistas, com sua historia cheia de lendas e seu nome popular aguça ainda mais a curiosidade dos visitantes e acaba sendo destino de inúmeros turistas que buscam tranquilidade na região. Não se sabe ao certo o porquê do nome PACOTI, mas segundo o historiador e morador da região Levi Jucá, Pacoti seria “na pendência das águas, isto é, “aonde as águas pendem”, deslizam ou se encostam, fazendo referência à presença marcante do rio por todo o terreno” ( JUCA, 2014, p.31). Ainda de acordo com Jucá o sítio que até então tinha o nome de Pendência, sofreu subdivisões.

Mas foi somente ao longo do século XIX, que diversos sítios se formaram pela produção agrícola de cana-de-açúcar e, em especial, do café. Assim, foram para a serra muitos sertanejos, em consideráveis levadas migratórias, que buscavam o refrigerio nos períodos de seca, estabelecendo-se como moradores desses sítios, aonde o trabalho acontecia nos roçados, engenhos e casas de farinha. (JUCA, 2014, p.31)

## O ARTESANATO EM PACOTI

O artesanato é uma arte de construção de peças manuais dando forma a matéria prima, transformando o que era rústico em peças singulares à medida que se faz um traço que tem a marca da região e do modo de fazer próprio de uma determinada comunidade. Canclini (1983) vê a problemática do artesanato com uma ótica capitalista.

A dificuldade em estabelecer a sua identidade e os seus limites se tem agravado nos últimos anos por que os produtos considerados artesanais modifican-se ao se relacionarem com o mercado capitalista, o turismo, a ‘indústria cultural’ e com as ‘formas modernas’ de arte, comunicação e lazer (CANCLINI, 1983.p.51).

Existe a fabricação do artesanato na região de Pacoti que utiliza como matéria prima uma madeira oriunda da árvore *pitiá*, uma árvore oriunda da Amazônia e Mata atlântica, mas que se desenvolveu muito bem na região. A árvore tem uma casca áspera e de cor acinzentada que ajuda a enriquecer ainda mais a flora local contribuindo para a belíssima paisagem já existente na região.

## O PITIÁ COMO ARTESANATO

Uma cultura trazida para a comunidade de Volta do Rio distrito de Pacoti no ano de 1992 por um Senhor chamado Antônio, que residia em Maracanaú (CE) município situado a poucos quilômetros do distrito. O Senhor Antônio trouxe consigo o conhecimento de como manusear e dar forma ao *pitiá*. No início suas criações se restringiam a peças que serviam de enfeite para cabelo, mas com o contato de outras pessoas com a arte ela se tornou cada vez mais diversificada e assim saindo da imaginação dos artesãos e ganhando formas.

A comunidade protagonista do presente TCC vídeo documentário é a de Volta do Rio, que é uma comunidade do Município de Pacoti, que tem como principal fonte de renda de homens e mulheres o artesanato que utilizam como matéria prima o *pitiá* que ao retirar sua casca está pronta para o uso. Com a grande procura por peças a produção aumentou e gerou mais empregos e muitas famílias hoje em dia tiram o seu sustento desse artesanato. No entanto, o que era para ser não mais que beleza e criatividade no contexto socioeconômico da região, também trouxeram sérios problemas ecológicos. Minha inquietação surgiu, principalmente, pelo fato de não haver políticas públicas para a preservação da matéria prima (*pitiá*), atualmente a árvore se encontra em processo de extinção devido ao processo de exploração da árvore, com vistas a feitura de peças para o artesanato local.

A madeira usada atualmente para a confecção das peças não é mais o *pitiá*, pois a árvore está quase que completamente extinta e os microempreendedores compram uma madeira conhecida como “pereiro” que vem das cidades de Canindé (CE) e Quixadá (CE).

Essa relação entre produção de peças ditas artesanais e a extinção do *pitiá*, enquanto matéria prima desse artesanato concentra o eixo norteador do vídeo documentário. Uma devastação que prejudicou diretamente a fauna e a flora local, o que nos leva a concluir que o mesmo acontecerá com as árvores de onde agora estão sendo retirada essa madeira, as cidades de Quixadá e Canindé.

Essa relação ambígua entre a valorização da habilidade artesanal e o desejo de promover comunidades, que se perde no emaranhado de interesses financeiros sobre o trabalho, provocou e ainda vem provocando a aceleração da já desestabilizada produção artesanal tradicional, além da destruição gradual da técnica e da maestria intrínsecas ao ofício artesanal. (MARQUESAN, FIGUEIREDO, 2014, p.80)

O *Pitiá* não é uma árvore nativa da mata atlântica, e a área a qual fiz a pesquisa não faz parte da APA (área de preservação ambiental) no qual o órgão responsável é a SEMA (secretaria do meio ambiente do estado), que está vinculada a SEMACE. Ainda que a área não esteja incluída na área de preservação, segundo informações colhidas, o município poderia tomar iniciativa de controle da flora e fauna da região através da secretaria de meio ambiente. O Estado em si não atua sozinho, é o município quem deve se responsabilizar e solicitar um projeto de reflorestamento no local. Com a atuação e iniciativa do município a SEMA participa como meio de apoio ao mesmo.

A compra da madeira é feita de forma legalizada em Quixadá e Canindé e precisaria de um documento chamado DOF (documento de origem florestal). Essa madeira para ser usada de forma regularizada precisaria apresentar um plano de manejo, que consiste em uma área que esteja sendo feita o replantio de árvores.

O artesanato local fez uso em larga escala do *pitiá*, pois era a madeira que mais predominava na região, e, portanto, tornou-se foco de extração. Com o decorrer dos anos a árvore que não é nativa, tornou-se cada vez mais escassa a ponto de sumir ao longo do tempo. O *pitiá* tornou-se “alvo”, ou seja, a matéria prima mais cobiçada por ter uma madeira resistente e ao mesmo tempo bem leve para a fabricação de bolsas e diversos outros utensílios, mas a árvore desapareceu da região.

## COMERCIALIZAÇÃO

Com a comercialização crescendo em grande escala foram criados vários pontos de fabricação, que foi movimentando a economia da cidade e tornando-se importante fonte de renda local, os artesãos que produziam peças em pequenas quantidades foram obrigados de certa forma a migrar para pequenas fábricas porque não conseguiam acompanhar a demanda de produção da região. Fernandes (2018) se referindo ao ideal fabril do SEBRAE afirma que:

Ocorre que, não se pode desconsiderar o seu papel como propagador do ideal fabril capitalista como meio para se promover o artesanato brasileiro, ideal este praticado também pelo Poder Público, que tomou para si a tarefa de preservação do artesanato enquanto cultura, acreditando que a melhor forma de fazer é buscando a sua empresariação por meio de políticas públicas de fomento ao empreendedorismo. (FERNANDES, 2018, p.170)

A ruptura do artesanato culturalmente tradicional, para uma prática empreendedora é um corte da essência (de como era feito antes/ manufaturado) com que as peças são produzidas, porque os artesãos tornam-se parte da produção (homem fabril), e não fabricantes, que seja uma frustração muito grande para os moradores artesãos, por conta da perda da autonomia perante a produção e por se tornarem coadjuvantes perante a esse sistema capitalista que exclui cada vez mais os pequenos produtores. Segundo Canclini hoje há grande dificuldade em definir o que seja o artesanato:

O que é que define o artesanato: ser produzido por indígenas ou camponeses, a sua elaboração manual e anônima, o seu caráter rudimentar ou a iconografia tradicional? A dificuldade em estabelecer a sua identidade e os limites se tem agravado nos últimos anos porque os produtos considerados artesanais modificam-se ao se relacionarem com o mercado capitalista, o turismo, a “indústria cultural” e com as “formas modernas” de arte, comunicação e lazer. (Canclini, 1983 p.51)

## DAS ENTREVISTAS

Nesse processo de construção das peças para a venda, as mulheres do grupo desenvolvem um trabalho crucial que é a montagem das peças, recebem os sacos de peças em suas casas, peças essas enviadas pelos donos, cada peça produzida vale entre R\$ 0,10 a R\$ 0,80 ou seja, para que o lucro seja razoável elas tem que montar uma quantidade significativa. Nas entrevistas o que me chamou atenção foi a questão dos relatos das senhoras em relação ao ganho com a montagem que é bem pequeno, elas que viviam da agricultura e migraram para



o artesanato esperando algo melhor, mas essa realidade não aconteceu, algumas deixaram de fabricar e as que permanecem no mundo do artesanato passam seus ensinamentos para o resto da família, para que assim possam receber uma ganho financeiro um pouco melhor.

No decorrer das entrevistas perguntei por quanto sairia uma peça montada D.Maria falou que a cada cem peças montadas recebiam R\$ 10,00, ou seja, cada peça R\$ 0,10. No sistema em que vivemos hoje, o capital é o que move o mundo, tudo gira em torno do lucro, e esse é mundo capitalista que massacra a grande massa da população principalmente os financeiramente menos favorecidos, e como não elas não têm capital para investir em um pequeno negócio, permanecem em seus empregos, mesmo ganhando muito pouco.

### **O ARTESÃO EMPREENDEDOR**

No entanto, entra em questão o incentivo do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas), serviço social autônomo brasileiro, que objetiva auxiliar o desenvolvimento de micro e pequenas empresas, estimulando o empreendimento no país, aliás, preparar não seria a palavra coerente com a situação, pois pelo que pude presenciar, as dificuldades e as condições precárias com a segurança no trabalho:

O que ocorre de fato é a incorporação de cada vez mais pessoas no sistema-que alimenta a matriz de poder capitalista moderno/colonial,e tal processo que privilegia a empresarização do artesanato, tanto banaliza quanto reproduz a ideia de desenvolvimento como sinônimo de ampliação da capacidade de consumo.( Marquesan e Figueiredo 2014 p.77)

Com esse processo que visa muito os números e não enxerga que os recursos para tocar essa fábrica estão se esgotando, assim como o corpo dos trabalhadores, e exercem suas funções sem máscaras ou luvas, tudo isso em busca do sustento de suas famílias. Os trabalhadores ganham por produção, ou seja, quanto mais peças prontas maior o lucro, mas em uma comunidade que não oferece tantas oportunidades de trabalho pais e mães se submetem ao que aparece, no caso as pequenas fabricas.

Ressaltamos que as diretrizes que norteiam os governos em todas as suas esferas, bem como o SEBRAE, no sentido de compreender o artesanato como setor da economia a ser promovido e apoiado em razão do seu caráter de geração de renda, utilizando-se para tanto uma abordagem invasiva, é consequência do entendimento segundo o qual a única saída para o artesão é a sua adequação ao mercado a todo custo. Este posicionamento não é recente nem exclusivo do governo brasileiro, mas uma prática realizada em larga escala em diversos países, em especial da América Latina (CANCLINI 1983, p.31)

A minha indignação principal é principalmente pelo fato da completa ausência de políticas públicas que realize projetos voltados a preservação da matéria prima, que com o passar do tempo tornou-se uma extração predatória.

Com a escassez do Pitiá (cujo **nome científico é *Aspidosérma* que significa madeira livre e resistente**). Árvore que tem ocorrência na mata atlântica, desde o norte do Brasil até São Paulo e Minas Gerais. Sua distribuição é restrita e não existem unidades de conservação, sua polinização depende de espécies ameaçadas da fauna, tornou-se alvo de desmate por conta da leveza da madeira e porque tinha em abundancia nas proximidades da comunidade, com tantos produtores extraíndo a mesma matéria prima foi ficando cada vez mais escassa. Atualmente a árvore pereiro (nome científico *pyrifolium*) tem sido o alvo dos microempreendedores. O pereiro é uma árvore nativa da caatinga, principalmente em elevações de terras, serras, chapadas, recebeu esse nome por um estrangeiros que visitou a região do semiárido reconheceu na folhagem desta planta semelhança com a folhagem do pereiro e o nome acabou se incorporando ao costume popular. A madeira do pereiro diferente do Pitiá é bem dura, e resistente, por isso se tornando a nova matéria prima, que é trazida para a comunidade diretamente de Quixadá e Canindé.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (RELATO DE CAMPO)**

Inicialmente minha intenção de pesquisa era abordar a questão do artesanato a partir de uma visão mais turística, como forma de crescimento econômico para cidade, numa perspectiva não crítica e pensando políticas públicas direcionadas exclusivamente para o crescimento econômico com aumento de emprego para região, mas sem pensar na questão ecológica como a base fundamental desse crescimento. Sendo moradora da cidade de Pacoti, desde muito jovem passei a admirar o artesanato local e os trabalhos feitos a partir do pitiá. No entanto, não havia tido a oportunidade de fazer nenhum trabalho sobre a presença dessa árvore na região do Maciço de Baturité, e o pitiá era, na minha concepção, apenas a árvore que fornecia a matéria prima para o artesanato que víamos exposto nos quiosques da cidade.

Ao cursar a disciplina de metodologia realizei as primeiras fotografias da fábrica e dos modos de produção das peças, mas, ainda assim não despertei para a problemática das questões ambientais e sociais provocadas pela exploração predatória do pitiá. Eu só enxergava a parte bonita da história.

Ao apresentar minha proposta de trabalho de conclusão do BHU para minha orientadora e dar início com a pesquisa bibliográfica e videográfica sobre a história do pitiá na região de Pacoti, assisti ao programa realizado pela rede Globo que abordava a questão, mas sem aprofundar a problemática da extinção da árvore. Com um olhar mais atento, observando as fotografias de um modo mais crítico, pesquisando em sites na internet sobre o pitiá fui aos poucos me apropriando do tema.

Segundo o Instituto de Botânica de São Paulo, o pitiá está “Em perigo crítico no estado de São Paulo. Tem baixa densidade populacional, sua distribuição no estado é restrita, não existe em unidades de conservação e sua polinização depende de espécies ameaçadas da fauna”. (<http://www3.ambiente.sp.gov.br/institutodebotanica/>).

Partindo para o campo de pesquisa dei início as minhas primeiras gravações realizadas com celular, comecei visitando as mulheres da região que recebiam as contas polidas para formar as peças. Nesse momento que o processo de desencantamento foi se tornando decisivo com relação à perspectiva do artesanato como a tábua de salvação para os problemas da cidade de Pacoti. Ao longo das reuniões com minha orientadora, as discussões sobre a temática e observando as imagens capturadas no processo da pesquisa, avolumei meu conteúdo crítico e transformei meu olhar para além do turismo em Pacoti.

As entrevistas e a visita à fábrica foram bem impactantes para a construção de esse olhar como pesquisadora, pois segundo o depoimento das senhoras que lá trabalham, o sustento delas e de seus maridos depende do artesanato, a que, segundo elas, abandonaram a agricultura pra viver do artesanato em condições de trabalho bem precárias. A participação no processo de preparação da madeira com objetivo d3 deixá-la pronta para a fabricação das peças é impossível não absorver uma grande quantidade de pó liberado ao cortar, polir e furar as peças.

No entanto, meu intuito não é condenar as pessoas que por necessidade e com intenção de melhorar a condição material de suas vidas procuram sobreviver dos recursos naturais que estão nas proximidades dos locais onde vivem, mas, mostrar através da ferramenta de um trabalho de conclusão de curso (TCC) em formato vídeo, que o desenvolvimento ou a melhoria material das pessoas e da cidade onde moram não poderá acontecer através do sacrifício da flora e da fauna da região. O vídeo poderá, quem sabe, sensibilizar as pessoas e abrir uma possibilidade de repensar os recursos naturais como fontes

que se esgotam e que o crescimento econômico é também devedor dessa vida que já de antes existia.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo.

FERNANDES, Danielle Gouveia. **CAPACITAÇÃO EM ARTESANATO: DA VISÃO CRÍTICA AO MODELO GERENCIALISTA EXPERIENCIA EM AO GRUPO DE BORDADOS NA LINHA DA SERRA, GUARAMIRANGA-CE**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional Lusofonia Afro Brasileira, Redenção, 2018.

JUCÁ, Levi. **Pacoti, História e Memória**. Pacoti: Premium, 2014

MARQUESAN, Fabio Freitas Schilling; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. **De Artesão Empreendedor: A Ressignificação Do Trabalho Artesanal Como Estratégia Para A Reprodução De Relações Desiguais De Poder**. 2014. RAM. Revista de Administração Mackenzie [online]. 2014. Vol 15, n.6, PP 76-97.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/pacoti> Acesso em 22-03-18

[www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae](http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae). Acesso em 10-01-18

[www.sema.ce.gov.br/](http://www.sema.ce.gov.br/) Acesso em 21-02-18

[www.semace.ce.gov.br/](http://www.semace.ce.gov.br/) Acesso em 10-01-18

## ANEXOS



(Imagem retirada de  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Aspidosperma\\_spruceanum](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aspidosperma_spruceanum))

*Aspidosperma spruceanum*

- guatambu-rugoso
- pau-amarelo
- pequiá-marfim
- peroba
- **pitiá**
- quina-da-mata

**ANEXO A** (Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017)



**ANEXO-B** Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017





**ANEXO-C** (Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017)



**ANEXO-D** Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017





**ANEXO-E Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017**



**ANEXO-E Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017**



**ANEXO-F** Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017



**ANEXO-G** Foto/Ismayllanne Eufrásio 2017





**ANEXO-H** Foto/Ismayllanne Eufrásio



